

E-BOOK

E-BOOK

E-BOOK

CONECTANDO O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA A PRÁTICAS DE LETRAMENTO DIGITAL CRÍTICO

Amanda Penha Dias de Araujo

Gisele Abreu Lira Corrêa dos Santos

Rio de Janeiro, 2025



**CONECTANDO O ENSINO
DE LÍNGUA INGLESA A
PRÁTICAS DE
LETRAMENTO DIGITAL
CRÍTICO**

E-BOOK

E-BOOK

E-BOOK

CONECTANDO O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA A PRÁTICAS DE LETRAMENTO DIGITAL CRÍTICO

Amanda Penha Dias de Araujo
Gisele Abreu Lira Corrêa dos Santos

1ª edição

Rio de Janeiro, 2025

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

A663 Araujo, Amanda Penha Dias de
Conectando o ensino de língua inglesa a práticas de letramento digital crítico / Amanda Penha Dias de Araujo, Gisele Abreu Lira Corrêa dos Santos. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Imperial Editora, 2025.

67 p.

Bibliografia: p. 67.

ISBN: 978-65-5930-249-9.

1. Língua inglesa - Estudo e ensino. 2. Tecnologias da informação e comunicação. 3. Letramento digital. 4. Letramento crítico. 5. Formação docente. I. Santos, Gisele Abreu Lira Corrêa dos. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 428

ARAUJO, Amanda Penha Dias de. Conectando o Ensino de Língua Inglesa a Práticas de Letramento Digital Crítico. 2025. 67 f. Produto Educacional - Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica, Rio de Janeiro, 2025.

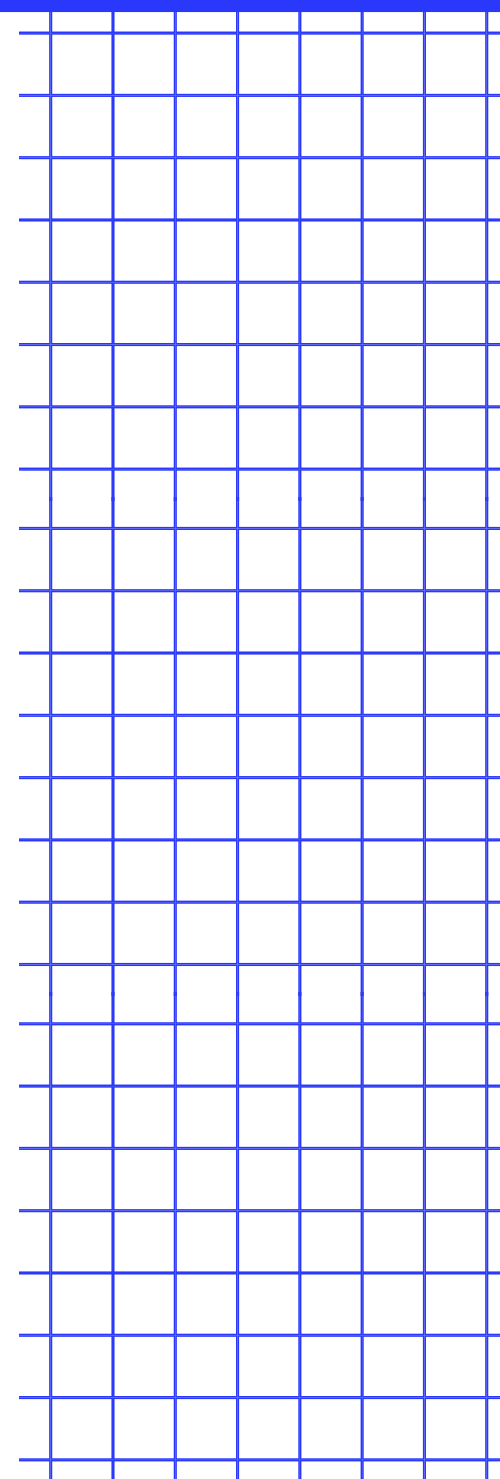
O produto educacional “Conectando o Ensino de Língua Inglesa a Práticas de Letramento Digital Crítico”, em formato de e-book, tem como objetivo contribuir para a formação continuada de docentes da área de língua inglesa com enfoque no desenvolvimento de práticas de letramento digital crítico na educação básica. Justifica-se por visar ampliar as perspectivas dos educadores quanto às potencialidades pedagógicas para o desenvolvimento letramento digital crítico, com finalidade de melhorar a qualidade do ensino e facilitar a incorporação das TDIC nas práticas pedagógicas docentes. Destinado a professores de Inglês que atuam na educação básica (dos anos finais do ensino fundamental e/ou do ensino médio), o e-book apresenta as principais definições relacionadas ao letramento digital, discute o que propõem documentos oficiais acerca do uso pedagógico das tecnologias e apresenta bases teóricas como TPACK e os cinco recursos do letramento digital crítico. Espera-se que esta proposta conscientize e estimule os docentes a adotarem práticas de letramento digital crítico em suas aulas de língua inglesa, capacitando seus estudantes a fazer uso da internet de maneira responsável e crítica e, além disso, o e-book visa incentivar o engajamento na construção de atividades que contemplem a autoria, autonomia e colaboração dos alunos.

Palavras-chave: Multiletramentos, Letramentos digitais, Letramento digital crítico, tecnologias digitais de informação e comunicação, ensino de língua inglesa.



SUMÁRIO

Introdução	8
Referencial teórico	9
Unidade 1: Recursos - ampliando seu repertório	34
Unidade 2: Agência e colaboração	42
Unidade 3: Temáticas	48
Unidade 4: Uso com o livro didático	51
Unidade 5: Uso desplugado e outras alternativas	57
Considerações finais	63
Referências	64



CARTA AO PROFESSOR

Caro/a professor/a,

Este e-book foi concebido com enfoque na formação continuada de docentes da disciplina de Língua Inglesa na educação básica. Se tratando de uma temática transversal, não limitada a essa área de conhecimento, podendo muitos dos conceitos abordados aqui ser aproveitados por demais educadores, além de transpostos para outras disciplinas.

O material foi pensado para ser um aliado em sua jornada profissional, valorizando sua autonomia e a sua experiência como educador/a. Sabemos que a sala de aula é um espaço de constante desafio e criatividade, e é por isso que esperamos que este e-book o ajude a explorar novas possibilidades. As propostas e conceitos aqui apresentados são um ponto de partida para que você possa adaptá-los à sua realidade e aos seus estudantes, com a certeza de que a inovação começa com a sua iniciativa.

Esperamos que este e-book desperte novas ideias e colabore com o seu papel fundamental na vida de tantas pessoas. Desejamos uma proveitosa leitura, e que este conhecimento se traduza em práticas pedagógicas cada vez mais transformadoras.

As autoras.

INTRODUÇÃO

Este e-book é fruto da dissertação de mestrado intitulada “Práticas de Letramento Digital Crítico para o ensino de Língua Inglesa na formação de professores”, além de enriquecido pelas discussões e contribuições do curso de extensão “Letramento Digital crítico para ensino de língua inglesa”, ministrado em fevereiro de 2025 pelas autoras através da Pró-reitoria de Pós-graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II.

Propomos aqui uma jornada sobre conceitos do Letramento Digital e sua interseção com o ensino de Língua Inglesa no contexto educacional brasileiro. Abordamos desde as definições fundamentais até suas implicações pedagógicas, passando por diretrizes estabelecidas por documentos curriculares importantes.

Partimos do pressuposto que o ensino remoto que vivemos no período pandêmico trouxe aprendizados que podem ser aproveitados para ampliar, a partir de reflexões críticas, os potenciais de educadores como intelectuais transformadores (Giroux, 1997) ao se utilizarem das TDIC no processo de ensino-aprendizagem.

A cada dia temos a chance de refletir e transformar nossas práticas de modo a tentar integrar de forma eficaz tecnologias digitais que vêm mudando nossa maneira de agir e participar no mundo globalizado. Reunimos aqui alguns conhecimentos que acreditamos poder auxiliar professores de língua inglesa da educação básica em mais esse constante desafio.



REFERENCIAL TEÓRICO

COMO ESTÃO NOSSOS ESTUDANTES EM RELAÇÃO AO LETRAMENTO DIGITAL?

Começamos explorando conceitos que são popularmente difundidos de que nossos estudantes seriam **NATIVOS DIGITAIS**, enquanto a maior parte dos docentes hoje em regência estariam na categoria de **IMIGRANTES DIGITAIS**, conceitos esses de Prensky (2001) e que se baseiam na época de nascimento em relação à era digital.

Tendo sido inclusive refutados pelo próprio autor, temos hoje a ideia mais amplamente aceita de que melhor se aplicariam os conceitos de **RESIDENTES** e **VISITANTES DIGITAIS**, de White Le Cornu (2011), no que concerne a familiaridade individual com as tecnologias, o que mais recai sobre o uso que se faz e do acesso a elas.

**NATIVOS X IMIGRANTES
DIGITAIS**

Prensky, 2001



**RESIDENTES E
VISITANTES DIGITAIS**

White Le Cornu, 2011

A CULTURA DIGITAL

A cultura digital representa um universo de novas formas de pensar, viver e se relacionar. Para Pierre Lévy (1999), a cultura digital é um “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores” que surgem das interações e conexões em rede. Em outras palavras, não se trata apenas de computadores e smartphones, mas sim de uma nova maneira de a sociedade se organizar e de como o conhecimento é construído e compartilhado.

Complementarmente à visão de Lévy, Loureiro, Bertagnolli e Antunes (2024) descrevem a cultura digital como “um modo de vida permeado pelas TD e que estas influenciam a maneira como as pessoas vivem, se comunicam, se comportam e consomem.” (p. 26). Essa definição ressalta o impacto profundo e onipresente da tecnologia no nosso dia a dia. As formas como nos informamos, interagimos uns com os outros e até mesmo como aprendemos está em transformação.

A partir dessa ideia, os autores argumentam que formar para a cultura digital requer “pensar as TIC também como artefatos para o desenvolvimento de práticas pedagógicas autorais que possibilitem ao aluno existir como sujeito” (Loureiro, Bertagnolli e Antunes, 2024, p. 32). Essa citação é um convite para nós educadores que, em vez de vermos a tecnologia apenas como um meio para transmitir conteúdo, podemos usá-la para o aluno participar do e agir no mundo.

ONDE ESTÁ O LETRAMENTO DIGITAL?

Pensando em nossos estudantes, não basta considerarmos sua imersão na cultura digital, devemos levar em conta a heterogeneidade de competências tecnológicas dos estudantes, pois “mesmo que muitos deles sejam experientes no uso da tecnologia para entretenimento e propósitos sociais, frequentemente precisam de orientação para usá-la no caso de objetivos profissionais ou educacionais e para desenvolver uma compreensão crítica das potencialidades e armadilhas tecnológicas (Dudney, Hockly e Pegrum, 2016, p. 26). Ainda que uns possam ser mais experientes que outros no assunto, se faz necessário “promover a reflexão a respeito dos conteúdos que estão vinculados a estes meios e como isso influencia as pessoas e transforma as vidas” (Loureiro, Bertagnolli e Antunes, 2024, p. 26).



<https://www.computacional.com.br/imagens/mandala-site.png>

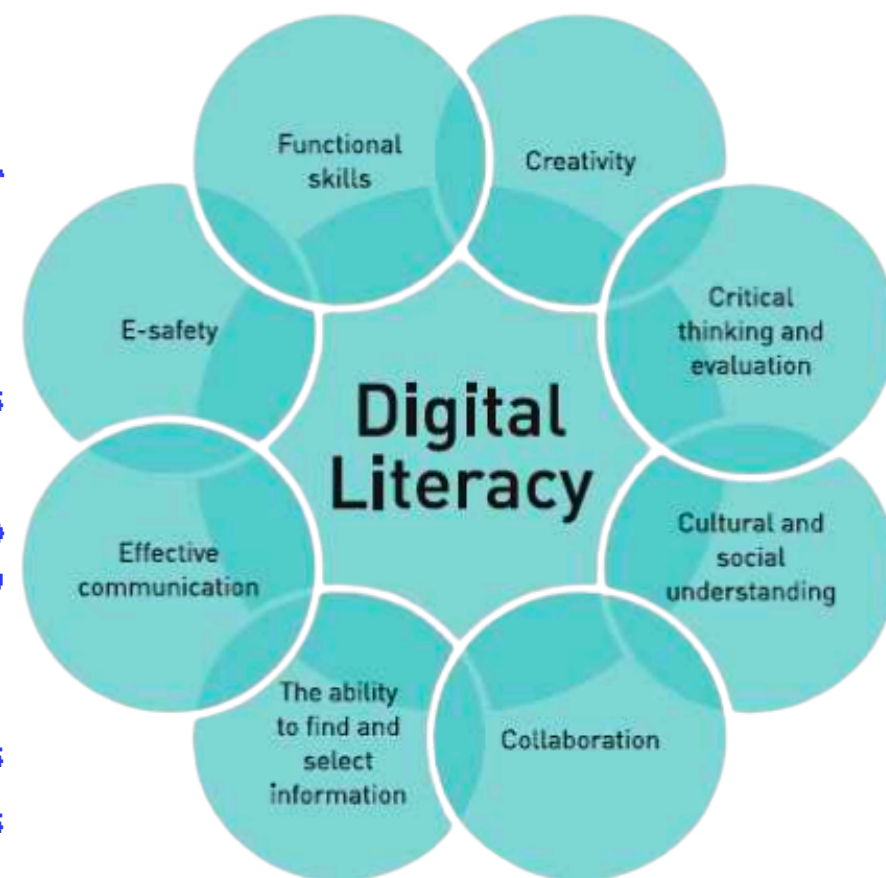
Como pode ser visto na imagem, o letramento digital aparece inserido no eixo da cultura digital, sendo a competência que nos permite navegar por ela.

DEFINIÇÃO

Pode ser definido como área que busca entender essa relação entre as dimensões operacional, cultural e crítica.

Se trata de “habilidades individuais e sociais necessárias para interpretar, administrar, compartilhar e criar sentido eficazmente no âmbito crescente dos canais de comunicação digital” (Dudeney, Hockly e Pegrum, 2016, p.17).

Habilidades essas que são consideradas essenciais para a formação de cidadãos completos na era digital, sendo fundamentais para que nossos alunos não apenas naveguem pelo mundo digital, mas também o moldem de forma consciente e responsável.



QUADRO: WHAT IS DIGITAL LITERACY?

What is Digital Literacy? From Futurelab handbook: Digital literacy across the curriculum
http://www.futurelab.org.uk/resources/documents/handbooks/digital_literacy.pdf

Em sentido horário na imagem, as habilidades destacadas incluem: criatividade, pensamento crítico e avaliação, compreensão cultural e social, colaboração, habilidade de encontrar e selecionar informações, comunicação efetiva, segurança digital e habilidades funcionais.

O Letramento Digital é mais do que a simples capacidade de operar ferramentas tecnológicas: ele se configura como uma área complexa que busca compreender a relação entre as dimensões operacional, cultural e crítica do uso da tecnologia.

Como professores, nosso papel é oportunizar e guiar uma participação ativa e reflexiva por parte do estudante, transformando-o de mero usuário em um agente crítico no ambiente digital. A proposta de ampliação do conceito de letramento digital, conforme apresentada na imagem anterior, engloba uma série de habilidades essenciais para a formação de cidadãos completos na era digital.

Cada uma dessas competências é fundamental para que nossos alunos não apenas naveguem pelo mundo digital, mas também o moldem de forma consciente e responsável. Entender e aplicar o letramento digital em nossas práticas pedagógicas é preparar os estudantes para os desafios e oportunidades do século XXI, capacitando-os a utilizar a língua inglesa nessa ponte para o conhecimento e a interação global.

Nesse contexto, as habilidades individuais e sociais descritas por Dudeney, Hockly e Pegrum (2016) tornam-se fundamentais para que os estudantes possam exercer esse papel ativo e crítico no mundo contemporâneo.

Ao integrar essas competências digitais, o professor amplia sua atuação como intelectual transformador, preparando os estudantes não apenas para compreender os múltiplos canais de comunicação, mas para interagir com eles de forma ética, criativa e consciente.

Assim, o ambiente escolar deixa de ser um espaço isolado e passa a refletir as dinâmicas sociais e tecnológicas que moldam a realidade, favorecendo a formação de sujeitos capazes de ressignificar o mundo por meio do diálogo e da ação.

MAS A TECNOLOGIA, POR SI SÓ, GARANTE UM ENSINO TRANSFORMADOR?

A sala de aula não pode ser um mundo à parte, devendo ser um dos caminhos possíveis para que estudantes desenvolvam capacidades para interagir de modo a se apropriar, ressignificar e agir no mundo. Aqui atua o professor como intelectual transformador ao “utilizar formas de pedagogia que tratem os estudantes como agentes críticos; tornar o conhecimento problemático; utilizar o diálogo crítico e afirmativo; e argumentar em prol de um mundo qualitativamente melhor para todas as pessoas” (Giroux, 1997, p. 6).

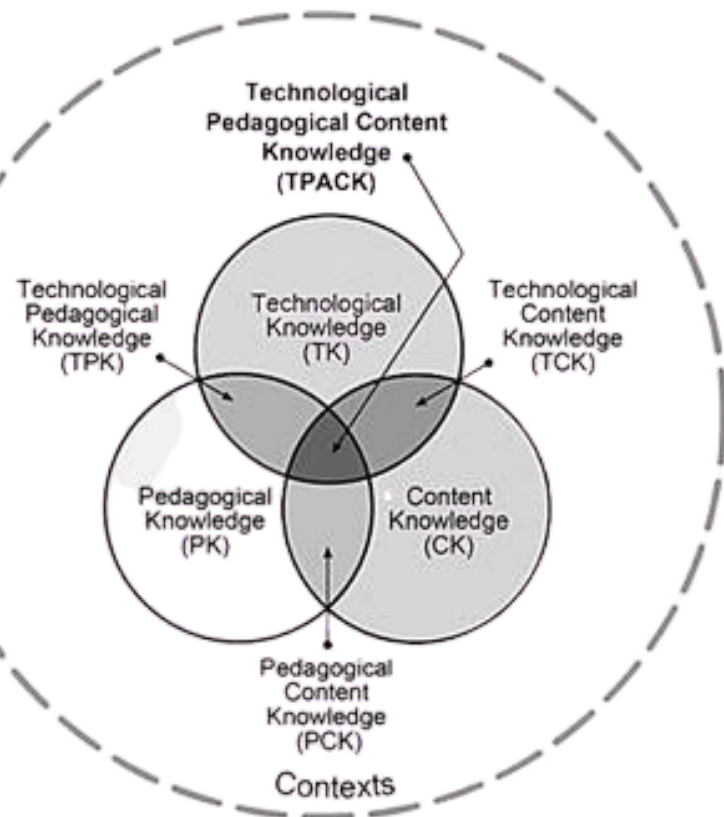
Na tentativa de dar conta dessa questão, trazemos o modelo conhecido como TPACK (Conhecimento Tecnológico e Pedagógico do Conteúdo) como arcabouço deste e-book, sendo detalhado e discutido nas páginas a seguir.

O FRAMEWORK TPACK

O framework TPACK (Technological Pedagogical Content Knowledge) representa a coadunação entre conteúdo, pedagogia e TIC (utilizadas para fins pedagógicos): enfatiza que esses sistemas teóricos estejam em sua máxima conexão, devendo ser articulados.

“A integração da tecnologia produtiva no ensino precisa considerar todas as três questões não isoladamente, mas dentro das complexas relações no sistema definido pelos três elementos-chave”.

(Mishra & Koehler, 2006, p. 1028-1029)



OS TRÊS CONHECIMENTOS

(isolados)

CK

Conhecimento de Conteúdo

É a compreensão do professor sobre a matéria que ensina, incluindo fatos, conceitos, teorias e o modo como o conhecimento é construído na disciplina.

PK

Conhecimento Pedagógico

É o conhecimento sobre os processos e práticas de ensino-aprendizagem, incluindo planejamento de aula, gestão de sala de aula, avaliação etc.

TK

Conhecimento Tecnológico

Envolve o conhecimento sobre as tecnologias digitais, suas funcionalidades e como elas podem ser usadas para diferentes propósitos.

SUAS intercessões

PCK

Conhecimento Pedagógico do Conteúdo

Representa a forma como o conteúdo é ensinado, incluindo as representações do conteúdo e as estratégias de ensino que o tornam compreensível para os alunos.

TCK

Conhecimento Tecnológico do Conteúdo

É a compreensão de como a tecnologia pode ser usada para representar e transformar o conteúdo da disciplina, tornando-o mais acessível ou complexo.

TPK

Conhecimento Pedagógico da Tecnologia

Aborda o conhecimento sobre como as tecnologias podem ser usadas de forma pedagógica, para aprimorar o ensino e a aprendizagem.

TPCK/TPACK

Conhecimento Tecnológico e Pedagógico do Conteúdo

Engloba a capacidade do professor de ensinar conteúdos curriculares utilizando técnicas pedagógicas e estratégias que empreguem adequadamente as tecnologias para tal ensino.

Este é o cerne do framework, representando a integração completa e profunda dos três tipos de conhecimento.

O TPACK não é igual ao conhecimento dos conceitos de seus componentes individuais e suas interseções. Como indica Cibotto (2017), vai além das múltiplas interações de seus três elementos-chave e engloba o ensino de conteúdos curriculares utilizando técnicas pedagógicas, métodos ou estratégias de ensino que utilizam adequadamente tecnologias para ensinar o conteúdo de forma diferenciada de acordo com as necessidades de aprendizagem dos alunos.

Compreender o TPACK nos permite ir além da visão instrumental da tecnologia, promovendo uma abordagem holística e estratégica para sua incorporação na educação.

TPACK

**UM TODO MAIOR QUE A
SOMA DAS PARTES**



Por fim, o Conhecimento Tecnológico e Pedagógico da Tecnologia (TPACK) representa a integração dinâmica entre os três saberes - conteúdo, pedagogia e tecnologia - em um modelo que reconhece a complexidade do ensino na era digital.

O TPACK não se limita à sobreposição desses conhecimentos, mas propõe uma abordagem contextualizada, em que o professor precisa compreender como utilizar tecnologias de forma pedagógica e adequada ao conteúdo específico, considerando as necessidades dos alunos e os objetivos educacionais. Essa intersecção exige do docente não apenas domínio técnico, mas também sensibilidade didática e capacidade de adaptação constante frente às mudanças tecnológicas.

Assim, o framework TPACK se consolida como uma ferramenta teórica e prática essencial para a formação docente contemporânea, especialmente em um cenário educacional que demanda inovação, criticidade e fluência digital.

TPACK

**UM TODO MAIOR QUE A
SOMA DAS PARTES**



OS CINCO RECURSOS DO LETRAMENTO DIGITAL CRÍTICO

PRODUÇÃO DE SIGNIFICADOS



DECODIFICAÇÃO



USOS



ANÁLISE



PERSONA

UMA ABORDAGEM DE INTEGRAÇÃO DO LETRAMENTO DIGITAL AO CURRÍCULO



Fonte: adaptado de Hinrichsen e Coombs (2014),
apud Pereira e Pinheiro, 2020.

Proposta de definição de letramento digital, atentando às dificuldades, uma vez que envolve identificar posições ideológicas presentes nos discursos acerca da tecnologia, tais como o determinismo tecnológico e a prevalência do uso tecnocrático. O conceito discute a suposta neutralidade tecnológica, o avanço autônomo e o proselitismo.

Vai, com isso, ao encontro do pensamento de Selwyn (2014) acerca da necessidade de que “assumamos uma postura crítica, que problematize a presença das tecnologias em cada contexto de forma particularizada e localizada e se distancie, por conseguinte, de um posicionamento de resistência inabalável ou de uma visão salvacionista” (apud Rocha, Hibarino e Azzari, 2015, p.3).

A imagem apresenta a ideia de cada um dos cinco recursos desenvolvida em sua respectiva ramificação.

focar menos em adotar essa ou
aquela nova tecnologia;
letramento digital não evolue
espontaneamente a partir de
exposição à tecnologia;
ênfase na perspectiva leitora



e mais em tarefas
significativas que explorem
práticas digitais autênticas;
ênfase nas habilidades
crítico-avaliativas requeridas
ao engajamento;
ênfase em elementos autorais

O que os recursos propõem

Cada um dos cinco recursos se abre em um leque de possibilidades a se dar conta enquanto integra o currículo ao trabalho com o Letramento Digital Crítico (LDC).

A decodificação ultrapassa a leitura técnica dos códigos digitais, exigindo compreensão dos formatos, linguagens e estruturas que compõem os ambientes digitais.

A produção de sentido envolve a capacidade de interpretar e atribuir significados aos conteúdos digitais, considerando os contextos socioculturais em que estão inseridos. O uso diz respeito à apropriação funcional e estratégica das tecnologias, com foco na resolução de problemas, na comunicação e na criação colaborativa.

A análise propõe uma leitura crítica dos discursos, das intenções e dos impactos das mídias digitais, promovendo uma postura ética e reflexiva diante da informação.

Por fim, a persona refere-se à construção da identidade digital, à consciência sobre a presença online e à responsabilidade na atuação nos espaços virtuais.

Integrar esses recursos ao currículo é reconhecer que o trabalho com o LDC não se limita ao domínio técnico, mas se expande para formar sujeitos críticos, criativos e conscientes de seu papel na sociedade digital.

Como documentos oficiais norteadores da educação brasileira, vamos nos debruçar sobre a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) e a Política Nacional de Educação Digital (BRASIL, 2023).

Foram selecionados os trechos julgados mais pertinentes dos documentos em questão, considerando a temática da integração das TDIC à educação ou, mais especificamente, ao ensino de língua inglesa (como no caso da BNCC) a serem mostrados e analisados a seguir.

BNCC**E****PNED**



BNCC

**DE LÍNGUA INGLESA E O
LETRAMENTO DIGITAL**



BRASIL, 2018

(EF06LI11) Explorar ambientes virtuais e/ou aplicativos para construir repertório lexical na língua inglesa.

(EF07LI10) Escolher, em ambientes virtuais, textos em língua inglesa, de fontes confiáveis, para estudos/pesquisas escolares.

(EF08LI07) Explorar ambientes virtuais e/ou aplicativos para acessar e usufruir do patrimônio artístico literário em língua inglesa.

(EF09LI08) Explorar ambientes virtuais de informação e socialização, analisando a qualidade e a validade das informações veiculadas.

(EF09LI13) Reconhecer, nos novos gêneros digitais (blogues, mensagens instantâneas, tweets, entre outros), novas formas de escrita (abreviação de palavras, palavras com combinação de letras e números, pictogramas, símbolos gráficos, entre outros) na constituição das mensagens.



BNCC

DE LÍNGUA INGLESA E O LETRAMENTO DIGITAL

BRASIL, 2018

Ao considerar as competências gerais e específicas encontradas, Ribas (2021, p.231) descreve que a BNCC “não se limita a uma habilidade operacional, técnica, restrita a saber manipular ferramentas digitais”.

Entretanto, no tocante à elaboração de habilidades, a autora constata exatamente o oposto. Podemos ilustrar tal colocação com, por exemplo, o fato de que:

- temos, para todos os anos finais do ensino fundamental, uma mesma proposta de exploração de ambientes virtuais, seguindo o padrão de colocar o estudante como consumidor de informações encontradas em âmbito digital;
- verbos como explorar e reconhecer, que dominam as normativas, demonstram a predominância de uma característica mais passiva;
- a análise crítica por parte do estudante é preconizada em somente duas habilidades que preveem a investigação e curadoria de fontes e informações.



BNCC

**DE LÍNGUA INGLESA E O
LETRAMENTO DIGITAL**

BRASIL, 2018



(EF08LI11) Produzir textos (comentários em fóruns, relatos pessoais, mensagens instantâneas, tweets, reportagens, histórias de ficção, blogues, entre outros), com o uso de estratégias de escrita (planejamento, produção de rascunho, revisão e edição final), apontando sonhos e projetos para o futuro (pessoal, da família, da comunidade ou do planeta).

(EF09LI12) Produzir textos (infográficos, fóruns de discussão on-line, fotorreportagens, campanhas publicitárias, memes, entre outros) sobre temas de interesse coletivo local ou global, que revelem posicionamento crítico.

Somente encontramos a indicação do papel de agência por parte do estudante nas duas habilidades citadas acima, em que se propõe a produção de textos. Textos esses que, em concordância com Ribas (2021), aparecem somente localizados no eixo da escrita do documento, ainda que os gêneros sugeridos apresentem características multimodais, sendo tal potencial desconsiderado.



PNED

POLÍTICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO DIGITAL



BRASIL, 2023

EIXOS ESTRUTURANTES E OBJETIVOS:

- I - Inclusão Digital;
- II - Educação Digital Escolar;
- III - Capacitação e Especialização Digital;
- IV - Pesquisa e Desenvolvimento em Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs).

A promulgação da lei que institui a PNED representa um avanço significativo na integração das tecnologias digitais ao processo educacional brasileiro. Com o objetivo de promover uma formação cidadã, crítica e inclusiva, a PNED está estruturada nos quatro eixos fundamentais descritos acima.

A seguir serão transcritos os principais trechos da legislação.



PNED

POLÍTICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO DIGITAL



BRASIL, 2023



Art 3o

III - cultura digital, que envolve aprendizagem destinada à participação consciente e democrática por meio das tecnologias digitais, o que pressupõe compreensão dos impactos da revolução digital e seus avanços na sociedade, a construção de atitude crítica, ética e responsável em relação à multiplicidade de ofertas midiáticas e digitais e os diferentes usos das tecnologias e dos conteúdos disponibilizados;

IV - direitos digitais, que envolve a conscientização a respeito dos direitos sobre o uso e o tratamento de dados pessoais, nos termos da Lei no 13.709, de 14 de agosto de 2018 (Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais), a promoção da conectividade segura e a proteção dos dados da população mais vulnerável, em especial crianças e adolescentes;

§ 1o Constituem estratégias prioritárias do eixo Educação Digital Escolar:

IX - promoção da formação inicial de professores da educação básica e da educação superior em competências digitais ligadas à cidadania digital e à capacidade de uso de tecnologia, independentemente de sua área de formação;

X - promoção de tecnologias digitais como ferramenta e conteúdo programático dos cursos de formação continuada de gestores e profissionais da educação de todos os níveis e modalidades de ensino.



PNED

POLÍTICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO DIGITAL



BRASIL, 2023



Art 4o

§ 1o Constituem estratégias prioritárias do eixo Capacitação e Especialização Digital:

V - implantação de rede de programas de ensino e de cursos de atualização e de formação continuada de curta duração em competências digitais, a serem oferecidos ao longo da vida profissional;

VIII - promoção de ações para formação de professores com enfoque nos fundamentos da computação e em tecnologias emergentes e inovadoras;

Art 5o

§ 1o Constituem estratégias prioritárias do eixo Pesquisa e Desenvolvimento em Tecnologias da Informação e Comunicação:

VI - criação de estratégia para formação e requalificação de docentes em TICs e em tecnologias habilitadoras.

Art. 6o

No âmbito da Política Nacional de Educação Digital, a implementação dos seguintes eixos habilitadores constituirá dever do poder público, observadas as incumbências estabelecidas nos arts. 9o, 10 e 11 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional):

I - viabilização do desempenho digital de conectividade, capital humano, uso de serviços de internet, integração de tecnologia digital, serviços públicos digitais e pesquisa e desenvolvimento em TICs;

II - desenvolvimento, nas redes e estabelecimentos de ensino, de projetos com o objetivo de promover as competências digitais e métodos de ensino e aprendizagem inovadores, fundamentais para o desenvolvimento acadêmico;



PNED

BRASIL, 2023

Os trechos delinham estratégias prioritárias, diretrizes de formação docente, acesso à infraestrutura e promoção da cultura e dos direitos digitais, evidenciando o compromisso do Estado com uma educação conectada às demandas da sociedade contemporânea.

Ao fazer isso, revelam uma política pública que não se limita à inserção de recursos tecnológicos nas escolas, mas que propõem uma transformação estrutural na forma como se concebe o ensino e a aprendizagem no Brasil.


Ao enfatizar a formação de professores em competências digitais, a proteção de dados pessoais, a promoção da cultura digital e o desenvolvimento de projetos inovadores, a PNED aponta para uma educação que valoriza tanto o acesso quanto o uso crítico e ético das tecnologias.

A incorporação da obrigatoriedade da educação digital na LDB reforça esse compromisso, exigindo do poder público não apenas investimentos em infraestrutura, mas também ações contínuas de formação e pesquisa.

Trata-se, portanto, de uma política que reconhece a centralidade da educação digital na construção de uma sociedade mais justa, democrática e preparada para os desafios da era digital.

Trazemos aqui a listagem de alguns documentos pertinentes que acreditamos poderem ser objetos de interesse e estudo. Ressaltamos que vale monitorar suas possíveis atualizações, na medida em que os documentos visam dar conta das rápidas mudanças da tecnologia. São eles:

Base Nacional Comum Curricular (BNCC) 


Normas sobre Computação na Educação Básica - Complemento à Base Nacional Comum Curricular, também conhecida como BNCC Computação 

Política Nacional de Educação Digital (PNED) 

Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD): Lei nº 13.709/2018 

Marco Civil da Internet: Lei nº 12.965/2014 

Plano Diretor de Tecnologia da Informação e Comunicação (PDTIC) 

Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br): Decreto Nº 4.829, de 3 de setembro de 2003 

Plano Brasileiro de Inteligência Artificial (PBIA) 



EXTRA

Guia da UNESCO para a IA generativa na educação e na pesquisa 

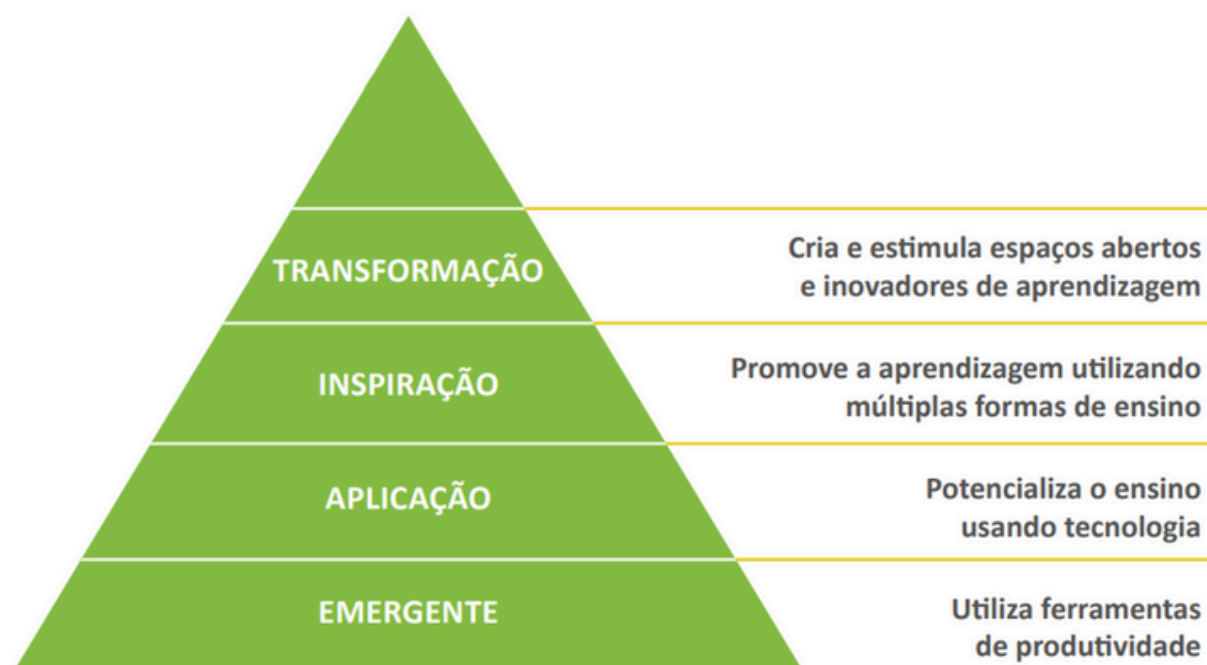


UNIDADE 1 RECURSOS

AMPLIANDO SEU REPERTÓRIO

Antes mesmo de nossos estudantes, em concordância com Dudeney, Hockly e Pegrum (2016), nós professores devemos ser capazes de desenvolver certo grau de competência tecnológica. Para além disso, se faz indispensável que tal uso pedagógico dos meios digitais seja consciente e crítico.

Ressaltamos que, para tal, não se deve valer unicamente do esforço individual docente (como muito se viu com o período do ensino remoto). Políticas públicas efetivas são imprescindíveis para dar conta de tais desenvolvimentos tanto na formação docente inicial quanto na continuada. Aliado a isso, temos a urgente necessidade de que infraestrutura e recursos sejam fornecidos e integrados às escolas para que alcancemos a maturidade que almejamos:



Modelo de maturidade da Unesco baseado em quatro níveis de adoção de tecnologia na escola.

O ENSINO DE INGLÊS NA CULTURA DIGITAL



O ensino-aprendizagem de línguas há muito utiliza as mais diversas tecnologias, uma vez que o desenvolvimento de competências linguísticas está atrelado à multimodalidade. Inseridos na cultura digital em constante inovação, é muito comum que os professores, quando as têm disponíveis, façam uso das TDIC.

Entender e aplicar o letramento digital em nossas práticas pedagógicas é crucial para preparar nossos estudantes para os desafios e oportunidades do século XXI, capacitando-os a ampliar sua participação no mundo a partir da língua inglesa.

“Qual sua profissão?” “Professora”
“Que legal! De que matéria?” “Inglês”



https://www.reddit.com/r/ballutverso/comments/prhup3/era_assim_mesmo_na_%C3%A9poca_da_escola/



Quanto à utilização das TDIC em sua prática pedagógica, se faz muito pertinente se perguntar:

“Qual é o meu repertório?”

A partir disso, refletir sobre como ele influencia suas práticas e como ampliá-lo é um bom caminho para a transformação das mesmas.

Trocas de experiências,
cursos, oficinas e
formações

Eventos e literatura
acadêmicos

Páginas de redes sociais,
grupos e fóruns online

ESTRATÉGIAS

PARA EXPANDIR O REPETÓRIO

Indicamos ao lado algumas sugestões de como conhecer novos recursos e suas funcionalidades, de modo a pensá-los em suas potencialidades pedagógicas.

A seguir, separamos também algumas opções, incluindo este e-book como fonte para expansão de repertório.

Padlet

Lucidspark

Peardeck

Genially

Wakelet

Mentimeter

PollUnit

Plickers (lowtech)

Mídias sociais

LearningApps

ClassApp

Toddle

Pixton

Storyboardthat

Pathbrite

Flipgrid

Edpuzzle

Youghlish


Agrupamos os recursos acima de acordo com a sua funcionalidade e fornecemos uma breve explicação / exemplificação de cada um na página a seguir. Encorajamos não só a experimentação dos aqui reunidos, bem como a descoberta e exploração de outros dos tantos disponíveis, além da alternativa de utilização de recursos não pensados diretamente para fins educacionais, mas dos quais é possível fazer um uso pedagógico.



- Ferramentas de Interatividade e Avaliação:
 - Mentimeter: Ferramenta para criar apresentações interativas com enquetes, nuvens de palavras e quizzes em tempo real;
 - PollUnit: Cria enquetes, votações e calendários colaborativos de forma simples;
 - Plickers (low tech): Sistema de avaliação que usa cartões de resposta impressos e a câmera do celular do professor para coletar dados;
 - Edpuzzle: Permite criar vídeos interativos com perguntas incorporadas para avaliar a compreensão dos alunos;
 - PearDeck: Adiciona perguntas interativas, enquetes e desenhos a apresentações do Google Slides e do PowerPoint.
- Criação de Conteúdo Visual e Interativo:
 - Genially: Cria apresentações, infográficos, jogos e imagens interativas com animações e elementos multimídia;
 - Lucidspark: Lousa virtual colaborativa para brainstorming, planejamento e visualização de ideias;
 - LearningApps: Permite criar exercícios interativos e jogos educativos de forma rápida e intuitiva;
 - Pixton: Uma ferramenta para criar histórias em quadrinhos personalizadas;
 - Storyboardthat: Cria storyboards e histórias visuais usando uma biblioteca de personagens e cenários.
- Plataformas de Comunicação e Organização
 - ClassApp: Plataforma de comunicação e gestão escolar para conectar escolas, professores, alunos e pais;
 - Padlet: Um mural virtual onde os usuários podem colaborar, postar textos, imagens, vídeos e links de forma organizada;
 - Wakelet: Ferramenta para curadoria de conteúdo, permitindo que os usuários salvem, organizem e compartilhem materiais em coleções;
 - Mídias sociais: Ferramentas como Instagram, X, Tiktok etc.
- Ferramentas de Portfólio e Registro
 - Pathbrite: Uma plataforma para criar portfólios digitais profissionais para apresentar projetos, trabalhos e experiências de forma visual;
 - Toddle: Plataforma para gestão de currículo, portfólios e comunicação em escolas que utilizam metodologias de aprendizagem.
- Ferramentas com Foco em Vídeo e Áudio:
 - Flipgrid: Permite que professores e alunos gravem e compartilhem vídeos curtos para discussões e projetos;
 - Youglish: Ajuda a aprender a pronúncia correta de palavras e frases em inglês e outros idiomas, usando trechos de vídeos do YouTube.

Como facilitador, vale levar em consideração alguns critérios que podem ser estipulados para seleção e avaliação das TDICs ao planejar seu uso, como por exemplo:

O recurso:

- É livre/tem funcionalidades gratuitas?
- Auxilia o desenvolvimento de quais habilidades?
- Permite moderação por parte do professor?
- Possibilita feedback?
- É acessível/possui funções de acessibilidade? 

A depender do contexto, alguns critérios poderão ser mais relevantes que outros. Alguns podem ser pré-definidos por você como inegociáveis, de acordo com a sua realidade.

Entretanto, é essencial estabelecer seus objetivos com o uso do recurso à escolha de maneira clara e definida, de modo a dispor de um norteador da possibilidade mais adequada à sua prática pedagógica.



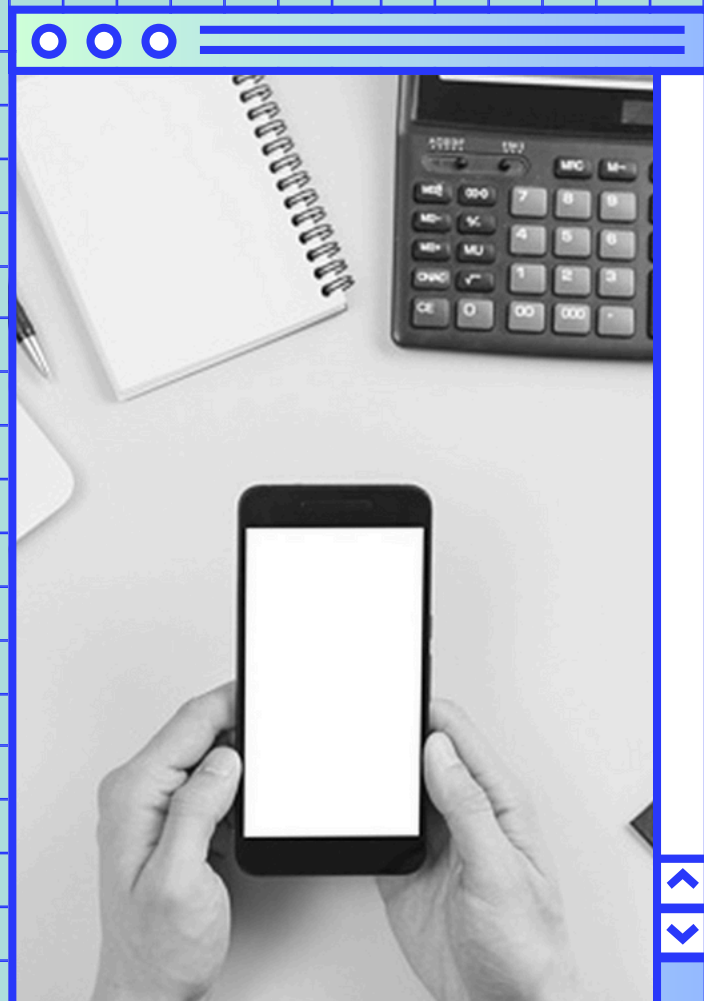
**UNIDADE 2
AGÊNCIA E
COLABORAÇÃO**

AGÊNCIA E COLABORAÇÃO



No cenário educacional contemporâneo, a agência e a colaboração emergem como pilares fundamentais, especialmente quando mediadas pelas tecnologias digitais. O conhecimento não é mais visto como algo estático, mas sim como uma construção dinâmica e coletiva. O foco se desloca para a coletividade, onde as relações sociais emergem e se fortalecem nos espaços de mídia digital e multiespaços de significação.

Ao nos questionarmos: "Queremos tornar os letramentos escolares mais significativos?", somos levados a refletir sobre as mudanças no próprio conceito de agência. A resposta reside em como os alunos podem ser envolvidos em projetos de autoria e colaboração, utilizando as tecnologias digitais.



Quais as possibilidades e os benefícios de envolver os alunos em projetos de autoria e colaboração com o uso de tecnologias digitais?

- autonomia, cooperação e espírito crítico;
- aprendizagem colaborativa e interdisciplinaridade;
- aprendizes ativos no processo de construção e reconstrução do mundo, usando a tecnologia com criatividade.

Exemplos:

- vídeos/filmes;
- videogames;
- rádio/podcast;
- computadores e internet.

Ribeiro, 2002

VÍDEOS/FILMES

VIDEOGAMES

Considerando as colocações em Ribeiro (2002):

- conectam o cotidiano do aluno e as situações de sala de aula;
- devem ser colocados dentro de uma situação de ensino e aprendizagem e justificar, ilustrar ou refletir sobre aquela situação, promovendo discussões.
- possuem potencial educativo;
- possibilitam o uso de diferentes estratégias: improvisação, coordenação, atenção, imaginação, compreensão, abstração etc;
- usam de diferentes linguagens (multissemióticos);
- deve-se gerenciar o processo, buscando atrelar ali os objetivos e o conteúdo específico.

Trabalho coletivo e aprendizagem colaborativa

De acordo com Ribeiro, “[Os estudantes] sabem que estão produzindo um texto para uma grande audiência, não só para o professor. O parceiro em si já é uma audiência. Esta aumenta quando o texto é publicado e veiculado na internet, possibilitando uma grande socialização.” (2002, p.110)



Como você acompanha e avalia os projetos de autoria e colaboração dos seus alunos?



A avaliação desses projetos exige uma abordagem diferenciada, que vá além da simples nota final. É crucial observar o processo de colaboração, a evolução do pensamento crítico, a capacidade de resolver problemas em equipe e o desenvolvimento da competência na língua inglesa em contextos reais. Portfólios digitais, rubricas de avaliação de projetos e a autoavaliação e avaliação por pares são ferramentas que podem auxiliar nesse processo. O feedback contínuo e construtivo é essencial para os alunos em suas jornadas de autoria e colaboração, preparando-os não apenas academicamente, mas também para os desafios da vida em sociedade.



**UNIDADE 3
TEMÁTICAS**

EIXO CULTURA DIGITAL - TEMÁTICAS

Ao trabalharmos com a disciplina de língua estrangeira, frequentemente encontramos bastante autonomia para abordar os mais diversos assuntos. Com uma tendência crescente, nos deparamos com questões da influência da tecnologia em nossas vidas e também com a própria utilização pedagógica das mesmas.

No intuito de oferecer um ponto de partida para discussões relevantes sobre a tecnologia e transformar a sala de aula em um espaço para reflexão crítica sobre a mesma, separamos aqui algumas ideias de temáticas que consideramos centrais de serem pautadas ao se pensar a nossa relação com a tecnologia enquanto sociedade.

TEMÁTICAS



Desinformação e fake news

Direitos autorais no meio digital

Segurança digital

Impacto ambiental

Cyberbullying

Exposição e privacidade na Internet

Publicidade e consumo

Jogos e apostas online

Questões de saúde física e mental causadas pelas TDIC

Inteligência Artificial (IA)

Ética no desenvolvimento e uso de TDIC

Não-neutralidade da tecnologia



**UNIDADE 4
USO COM O
LIVRO
DIDÁTICO**

USO COM O LD

COMPLEMENTANDO E SUPERANDO LACUNAS

dos livros didáticos

O Letramento Digital oferece uma perspectiva transformadora para o ensino de Língua Inglesa, permitindo que a sala de aula vá além dos limites do livro didático e se conecte com as práticas sociais autênticas que circulam no ambiente digital. Azzari (2015) argumenta a favor de uma inserção crítica das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) nos processos pedagógicos:



“Acredito que haja, na inserção criticamente orientada das TDICs, como parte integrante dos processos pedagógicos, uma possibilidade para a quebra da cadeia de discursos (acadêmicos, pedagógicos, curriculares, políticos e mesmo metodológicos) que apagam contextos locais, realidades sociais e que ignoram as mudanças globais, nos processos de educação em língua inglesa.”

Azzari, 2015, p.17

A discussão sobre o papel da tecnologia na educação, especialmente no ensino de línguas, transcende a simples consideração de ferramentas. Ela se aprofunda na compreensão da tecnologia como uma prática social e discursiva, que molda e é moldada pelas interações humanas. Abordaremos essa perspectiva à luz do contexto escolar contemporâneo, as definições de tecnologia e tecnologias digitais, e como os novos letramentos impactam a pedagogia da língua inglesa.

Há uma dualidade na percepção das novas tecnologias: "Em âmbitos educacionais, há aqueles que entenderão as novas tecnologias como instrumentos e aplicações e aqueles que as defenderão como metalinguagem para processos de construção e sentidos e práticas sociais" (Ferraz, 2012, p.112). Esta citação aponta para duas visões distintas: a visão instrumental, que foca na tecnologia como um mero conjunto de ferramentas (software, hardware), e a visão sócio-discursiva, que a enxerga como um sistema complexo que permite a construção de sentidos e práticas sociais.

Para o ensino de Língua Inglesa, adotamos a segunda perspectiva, uma vez que ela alinha a aprendizagem da língua com as complexas interações do mundo digital.

A tecnologia nos oferece um vasto campo de ação. Ela propicia um ambiente mais estimulante, mais participativo e mais colaborativo, algo que o livro didático tradicional, por si só, não consegue proporcionar. Lévy (1996) alerta para não limitarmos o potencial das novas tecnologias: "Considerar o computador apenas como um instrumento a mais para produzir textos, sons ou imagens sobre suporte fixo equivale a negar sua fecundidade propriamente cultural, ou seja, o aparecimento de novos gêneros ligados à interatividade" (Lévy, 1996, p.41).

Isso significa que, no ensino de Língua Inglesa, não devemos usar o computador apenas como uma máquina de escrever avançada ou um reproduzidor de áudio. Devemos explorar as potencialidades que ele oferece para criar novos gêneros de interação, como: projetos de webquest, gravação de podcasts, simulações e jogos educacionais, colaboração global, produção de multimídia (criação que combinam texto, imagem, áudio e vídeo, explorando a multimodalidade dos textos digitais).

As potencialidades da tecnologia são vastas, mas seu aproveitamento pleno depende de uma visão pedagógica que reconheça a tecnologia como um motor de transformação e um espaço para a emergência de novos gêneros e interações, enriquecendo profundamente o processo de ensino-aprendizagem.

Braga (2013), Pinto e Leffa (2015) alertam ser preciso que educadores estejam atentos para as "múltiplas linguagens e aos letramentos necessários" para que os alunos possam atuar de forma mais ampla na sociedade atual. Eles asseveram ser importante continuar investindo em estudos e iniciativas que contribuam para o fortalecimento do letramento digital e para o uso crítico das TDIC em sala de aula.


"Por si só, tecnologias digitais não rompem com discursos centralizadores, embora essas tecnologias tenham ampliado o acesso de grupos tidos como menos favorecidos a um conjunto de conhecimentos e práticas antes elitizadas" (Rocha, Hibarino e Azzari, 2015, p.5). Isso nos lembra que o impacto da tecnologia depende do uso que fazemos dela.

O letramento crítico se manifesta na capacidade de percepção que cidadãos têm sobre a sociedade em que vivem, conforme Monte Mór (2013, p.33). Luke e Dooley (2009, p.1) complementam que "abordagens orientadas pelo letramento crítico veem os textos impressos e multimodais, em papel ou digitais e seus códigos e discursos, como tecnologias humanas para representar e remodelar mundos possíveis." Isso significa que, ao invés de apenas consumir, os alunos podem usar a tecnologia para criar e transformar realidades, um poder imenso a ser desenvolvido no ensino de Língua Inglesa.

Trazemos então ideias de como o letramento digital pode permitir o acesso a e fomentar:

- práticas letradas em língua inglesa em contextos reais;
- “construção de sentidos a partir dos “ingleses” (CANAGARAJAH, 2013) que circulam por entre vários desses gêneros digitais” (Azzari, 2015, p.18);
- “boas possibilidades para o contato e o desenvolvimento linguístico (entre outras aprendizagens) nos ambientes digitais” (Azzari, 2015, p.20);
- oportunidades de participação e engajamento discursivos oferecidas / mediadas por gêneros diversos promovidos nos/por ambientes digitais;
- “práticas sociais que circulam, por exemplo, através da WEB, podem fomentar as (re)significações discursivas, privilegiando textos multimodais e multissemiotizados” (KALANTZIS; COPE, 2012 apud Azzari, 2015, p.18);
- “trabalho de compreensão e produção oral e de textos multimodais e híbridos, o que favorece e promove a inserção plurilingue de estudantes em práticas mediadas por gêneros diversos, em que possam construir e negociar sentidos” (Azzari, 2015, p.21)

Em suma, o letramento digital não é um mero acessório, mas uma maneira potente de complementar e expandir o ensino de Língua Inglesa. Azzari (2015) nos convida a abraçar essa abordagem para uma educação mais relevante e transformadora.



**UNIDADE 5
USO
DESPLUGADO E
OUTRAS
ALTERNATIVAS**

USO DESPLUGADO E OUTRAS ALTERNATIVAS



Sabemos que infelizmente um dos grandes entraves à incorporação de TDIC na educação ocorre desde a questão do acesso (ou da falta dele) a infraestrutura, recursos e a conexão de internet. Ainda assim, é possível trabalhar conceitos, gêneros, sem necessariamente fazer uso de tecnologias digitais.

Para auxiliar em tal questão, sugerimos a busca ou a reflexão de possibilidades de versões ou adaptações das atividades que correspondam a cada realidade, trazendo os conceitos de:

- BAIXA TECNOLOGIA (low tech): uso de recursos digitais mais simples e de fácil acesso, de uso offline ou em que haja somente um dispositivo com conexão (o do professor).
- ZERO TECNOLOGIA (no tech/uso desplugado): prevê a ausência de tecnologia digital, executando a transposição de conceitos de forma concreta ou simulando o ambiente digital.

EXEMPLO DE USO "DESPLUGADO"



ADAPTAÇÕES PARA VERSÕES
DE BAIXA OU ZERO
TECNOLOGIA DIGITAL



The screenshot shows a social media post from the account 'memesbrasil' (A LA CARTE). The post features a tweet from 'farinha da charlie xcx' (@muralupus) with the text: 'vefff os cara fizeram um twitter fisico na sala de aula pq n pode usar celular'. Below the text is a photograph of a 'physical Twitter' board. The board is a blue sheet of paper pinned to a wall, with the word 'TWITTER' in a white speech bubble and 'FÍSICO' in a white speech bubble. A white bird icon is also present. The board is covered with numerous colorful sticky notes, some with drawings and text, mimicking a digital Twitter feed. The post has 17,8 mil likes, 44 comments, and 1,312 retweets.

Para que a tecnologia seja verdadeiramente transformadora na educação, é essencial que sua aplicação seja guiada por princípios sólidos. Ribeiro (2002) destaca a centralidade do sujeito e a importância da intencionalidade e do respaldo teórico. O foco não deve estar na técnica em si, mas na relação do aluno com o conhecimento e na sua formação como cidadão crítico, reflexivo, consciente e competente.

Isso significa que a simples adoção de tecnologias sem um planejamento pedagógico claro e uma base teórica pode resultar em um uso ineficaz. Cada ferramenta e atividade digital deve ser escolhida e implementada com um propósito educacional claro, alinhado aos objetivos da formação de um cidadão letrado digitalmente.

USO CONSCIENTE DA TECNOLOGIA

“O que faz a diferença não é a tecnologia em si, mas o uso que se faz dela” (Ribeiro, 2002, p.102). Uma ferramenta avançada pode ser subaproveitada se não for utilizada de maneira criativa e pedagógica. Por outro lado, ferramentas simples podem gerar grandes resultados quando aplicadas com intencionalidade.

IMPLICAÇÕES PRÁTICAS PARA O PROFESSOR DE INGLÊS:

- Focar menos em adotar essa ou aquela nova tecnologia: em vez de buscar a última novidade tecnológica, o professor deve analisar qual ferramenta melhor se alinha aos seus objetivos pedagógicos e às necessidades dos alunos;
- O letramento digital não evolui espontaneamente a partir de exposição à tecnologia: a simples exposição a dispositivos digitais não garante o letramento. É fundamental que o professor medie e oriente o uso crítico e produtivo dessas tecnologias;
- Ênfase na perspectiva leitora e em tarefas significativas que explorem práticas digitais autênticas: o foco deve ser em atividades que promovam a leitura crítica de textos digitais e a participação em situações comunicativas reais;
- Ênfase nas habilidades crítico-avaliativas requeridas ao engajamento: desenvolver a capacidade dos alunos de analisar a veracidade das informações, identificar vieses e compreender as implicações éticas do uso da tecnologia, utilizando textos e debates;
- Ênfase em elementos autorais: incentivar os alunos a se tornarem produtores de conhecimento e conteúdo em língua inglesa, utilizando TDIC para expressar suas ideias e criatividade, promovendo a autoria e agência dos estudantes no ambiente digital.

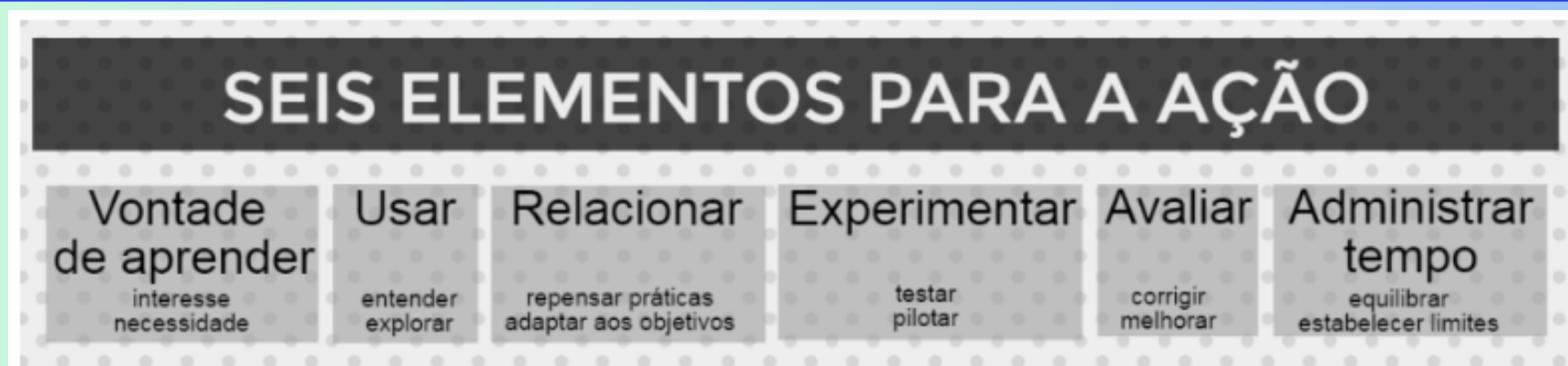
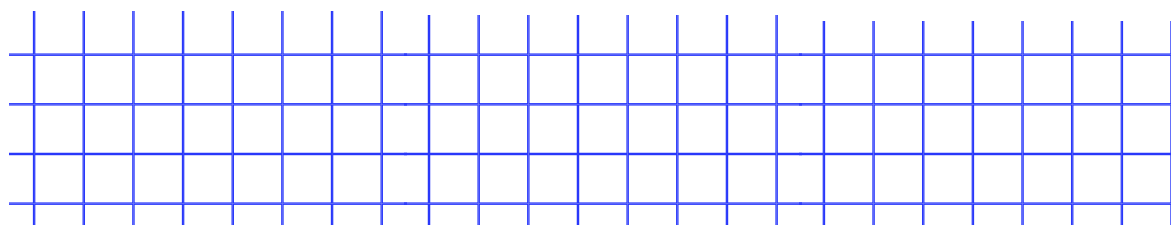
Em síntese, a prática educativa mediada pela tecnologia no ensino de Língua Inglesa deve ser um ato deliberado, que extrapola a mera instrumentalização, visando a formação de cidadãos autônomos, críticos e engajados no mundo digital.

Por fim, trazemos Ribeiro (2016, p.106), que resume seis elementos para ação que vemos como propulsores da integração das TDIC às práticas pedagógicas e que a autora considera serem fundamentais para colocar em prática seu uso eficaz e significativo na escola.

Esses elementos podem atuar como encorajadores do “pontapé inicial” necessário a tantos que não sabem muito bem por onde começar a fazer esse movimento consciente e de maneira intencionada.

Caso esteja buscando começar, que tal levar em consideração esses preceitos?

Àqueles que têm mais experiência em tais práticas, os movimentos podem auxiliar a refletir acerca do trajeto percorrido ao planejar suas práticas, auxiliando a revê-las e a norteá-las. Tenha-os em mente.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A integração das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) no ensino de Língua Inglesa exige mais do que o simples uso de ferramentas: demanda intencionalidade, respaldo teórico e compromisso com a formação crítica dos estudantes. O letramento digital, nesse contexto, não se desenvolve espontaneamente a partir da exposição à tecnologia, mas sim por meio de práticas pedagógicas que promovam a autoria, a leitura crítica, a participação discursiva e a construção de sentidos em ambientes digitais.

A tecnologia deve ser compreendida como prática social e discursiva, capaz de mediar interações significativas e ampliar as possibilidades de aprendizagem. Projetos que envolvem produção de conteúdo, interação com audiências reais e exploração de gêneros digitais autênticos favorecem o desenvolvimento da agência dos alunos e sua inserção em práticas plurilíngues e multimodais. Mais do que consumir, os estudantes são convidados a criar, refletir e transformar realidades.

É preciso, portanto, superar a visão instrumental da tecnologia e adotar uma abordagem sócio-discursiva, que reconheça seu papel na construção de práticas sociais e na formação de cidadãos conscientes, críticos e engajados. Mesmo em contextos de baixa ou nenhuma tecnologia, é possível fomentar o letramento digital por meio de adaptações criativas e atividades que simulem ambientes digitais, mantendo o foco na intencionalidade pedagógica.

Em síntese, a prática educativa mediada pela tecnologia deve ser um ato deliberado, centrado nos sujeitos e em sua relação com o conhecimento. O professor de Língua Inglesa, ao incorporar recursos digitais, precisa priorizar o desenvolvimento linguístico e crítico dos alunos, utilizando a tecnologia como aliada na construção de uma educação transformadora, plural e significativa.

REFERÊNCIAS



AZZARI, E. F. Ensino de inglês, tecnologias digitais e rupturas. In: Dossiê Especial: Formação Docente, Tecnologias Digitais e Educação Crítica. ROCHA; HIBARINO e AZZARI (orgs.). Revista X, vol.2, 2015.

BRAGA, D. B. Ambientes digitais: reflexões teóricas e práticas. São Paulo: Cortez, 2013.

BRASIL. Lei nº 14.533, de 11 de janeiro de 2023. Institui a Política Nacional de Educação Digital e altera as Leis nºs 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), 9.448, de 14 de março de 1997, 10.260, de 12 de julho de 2001, e 10.753, de 30 de outubro de 2003. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/norma/36763658/publicacao/36765691>.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC) Educação é a base. Brasília. 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf.

CANAGARAJAH, S. Translingual Practice - Global Englishes and Cosmopolitan Relations. New York: 2013

CIBOTTO, R. A. G.; OLIVEIRA, R. M. M. A. TPACK - Conhecimento Tecnológico e Pedagógico do Conteúdo: Uma Revisão Teórica. Imagens da Educação, v. 7, n. 2, p. 11-23, 2017. Disponível em: <http://doi.org/10.4025/imagenseduc.v7i2.34615>.

DUDENEY, G.; HOCKLY, N.; PEGRUM, M. Letramentos digitais. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

REFERÊNCIAS



FERRAZ, D. de M. Educação de língua inglesa e novos letramentos: espaços de mudanças por meio dos ensinos técnicos e tecnológicos. 2012. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. p.110-132.

Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-11122012-090909/publico/2012_DanielDeMelloFerraz.pdf.

GIROUX, H. A. Professores como Intelectuais Transformadores. In: GIROUX, H. A. Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997, 157-164.

HINRICHSEN, J.; COOMBS, A. The five resources of critical digital literacy: a framework for curriculum integration. Research in Learning Technology, v. 21, 2013. Disponível em: https://journal.alt.ac.uk/index.php/rlt/article/view/1433/pdf_1

LÉVY, P. Cibercultura. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LOUREIRO, C. B.; BERTAGNOLLI, S. de C.; ANTUNES, M. T. R. B. [Orgs.] Cultura digital e Educação: metodologia para a formação continuada de professores da Educação Básica. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024.

MONTE MÓR, W. Crítica e Letramentos Críticos: Reflexões Preliminares. In: ROCHA, C. H.; MACIEL, R. F. Língua estrangeira e formação cidadã: por entre discursos e práticas. Campinas: Pontes, 2013, p. 31 - 50.

REFERÊNCIAS



MISHRA; P.; KOEHLER, M. J. Technological Pedagogical Content Knowledge: A Framework for Teacher Knowledge. *Teachers College Record*, v.108, n.6, p.1017-1054, 2006.

PINTO, C. M.; LEFFA, V. Investigação Brasileira sobre letramento digital: metanálise qualitativa de resumos. In: SILVA, K. A.; ARAÚJO, J. (Orgs.). *Letramentos, discursos midiáticos e identidades: novas perspectivas*. Campinas: Pontes, 2015. p. 349-377.

PRENSKY, M. Digital Natives, Digital Immigrants. *On the Horizon*, v. 9, n. 5, p. 2-6, out. 2001

RIBAS, F.C. Política de ensino de língua inglesa: A BNCC versus as pesquisas sobre letramento digital e uso de tecnologias digitais. In: SILVA, K.A.; XAVIER, R.P. (org.). *Múltiplos olhares para a Base Nacional Comum Curricular*. Campinas: Pontes, 2021. p. 221-240.

RIBEIRO, A. E. Tecnologia digital e ensino: breve histórico e seis elementos para a ação. *Revista Linguagem & Ensino*, v. 19, n. 2, p. 91-111, jul./dez. 2016. Disponível em:
<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/rle/article/view/15260/9450>

RIBEIRO, O. J. Nos bosques da educação e das novas tecnologias: um olhar para além da técnica. 2002. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002. Disponível em:
<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/83212/196461.pdf>

REFERÊNCIAS



ROCHA, C. H.; HIBARINO, D.; AZZARI, E. F. Formação Docente, Tecnologias Digitais e Educação Crítica. Revista X, vol.2, 2015. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Eliane-](https://www.researchgate.net/profile/Eliane-Azzari/publication/303795805_APRESENTACAO/links/5c464a88458515a4c73767c0/APRESENTACAO.pdf)

[Azzari/publication/303795805_APRESENTACAO/links/5c464a88458515a4c73767c0/APRESENTACAO.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Eliane-Azzari/publication/303795805_APRESENTACAO/links/5c464a88458515a4c73767c0/APRESENTACAO.pdf)

ROJO, R. Letramentos na cultura digital: os gêneros digitais. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

SELWYN, N. Distrusting educational technology: critical questions for changing times. London: Routledge, 2014.

WHITE, D. S.; LE CORNU, A. Visitors and Residents: A new typology for online engagement. First Monday, Volume 16, Número 9 - 5 setembro 2011. Disponível em: <https://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/view/3171/3049>.